

# Lilian Thuram: "Senti racismo sobretudo quando joguei em Itália"

[jn.pt/desporto/especial/lilian-thuram-senti-racismo-sobretudo-quando-joguei-em-italia-11647138.html](https://jn.pt/desporto/especial/lilian-thuram-senti-racismo-sobretudo-quando-joguei-em-italia-11647138.html)

24 de dezembro de 2019

**Campeão do Mundo em 1998 pela seleção francesa e um dos melhores defesas de todos os tempos, Lilian Thuram dedica-se agora a uma fundação de combate ao racismo, tema que considera estar em expansão na Europa. O ex-jogador esteve em Portugal, onde deu duas conferências, em Coimbra e Lisboa, a propósito do combate ao racismo, a convite do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Thuram vê Portugal e França como duas das favoritas à conquista do Europeu do próximo ano - curiosamente, ambas as seleções estão no mesmo grupo - e lembra os únicos dois golos que marcou com a camisola dos "bleus", ambos no mesmo jogo, que levaram à presença na final do Mundial de 1998.**



**DETETAMOS QUE PODE TER UM  
ADBLOCKER LIGADO**

Apoie o jornalismo desactivando o seu  
adblocker ou assinando o JN Premium

**ASSINAR**

**Lidera uma fundação que tem como principal objetivo combater o racismo. Esse tema ainda é uma realidade presente?**

É uma realidade muito atual, sim. E, além do mais, acho que há partidos políticos que revelam racismo na sociedade e fazem circular essas ideias. Vemos que essa ideologia funciona, porque os partidos que atualmente têm um discurso racista são bem vistos na sociedade europeia.

**Sentiu o racismo ao longo da sua carreira de jogador?**

Senti, sobretudo quando joguei em Itália [atuou no Parma e na Juventus], em que, tal como hoje, infelizmente, já havia fãs que faziam o som do macaco nos estádios. E vemos que, na verdade, essas manifestações racistas ainda acontecem com muita frequência, não só em Itália como noutros países, como na Europa do Leste, por exemplo. Infelizmente.

**Saiu de Itália há 13 anos, mas ainda há situações dessas, como aconteceu recentemente com Mario Balotelli ou Romelu Lukaku. Como se explica uma situação destas quase em 2020?**

Não nos devemos surpreender. Há que ter em atenção que, em Itália, há adeptos que defendem políticas de racismo. Pergunta-me se, quase em 2020, as pessoas são

estúpidas. As pessoas não são estúpidas. As pessoas defendem de forma consciente este tipo de ideologias. E assim se manifestam. Assim há manifestações de racismo em Itália, Espanha e outros países. Acaba por ser uma marca de identidade desses países.

**Mas, tendo por base os dez anos que viveu em Itália, acha que há essa identidade?**

Claro, como em Portugal também. Se tivermos a coragem de ser honestos e nos perguntarmos: será que em Portugal os negros são tratados da mesma forma que os brancos? Não são. Mas porque é que isto acontece? É isso que tentamos perceber e combater, estas manifestações racistas que continuam a fazer parte da sociedade destes países.

**Falemos da sua carreira de futebolista. Ganhou quase tudo o que havia para ganhar, mas o feito porque é mais recordado é o de ter sido campeão do Mundo em 1998 e, sobretudo, pelos dois golos na meia-final frente à Croácia. Foi o grande momento da sua carreira?**

O ano de 1998 foi o meu melhor ano porque fui campeão do Mundo e realizei um sonho de criança. É uma sensação absolutamente indescritível. Ainda hoje, 21 anos depois, não consigo exprimir qual é a sensação de ser campeão do Mundo. Não sei se o melhor momento da minha carreira foram aqueles dois golos à Croácia, mas chega até a ser cómico o significado deles, até porque foram os únicos dois golos que marquei com a camisola da seleção francesa [risos].

**No ano passado, a história repetiu-se. A França foi campeã do Mundo, também venceu a Croácia, desta vez na final. Qual é para si a melhor seleção francesa, a de 1998 ou a de 2018?**

Penso que não é muito fácil comparar as duas equipas. Não faz muito sentido. Ambas as equipas eram muito fortes, e as épocas também são muito diferentes.

**Alguns antigos colegas dessa equipa são atualmente treinadores. São os casos de Didier Deschamps, Zinedine Zidane, Thierry Henry ou Patrick Vieira. Foi um caminho que nunca pensou seguir?**

Não, não, não, não! [abana a cabeça]. Quando acabei a carreira, em 2008, decidi que queria fazer alguma coisa que fosse útil à sociedade e me fizesse sentir importante no Mundo. O que faço hoje em dia é muito mais importante do que faria se fosse treinador.

**Pode dizer-se então que a Fundação Thuram é o seu Real Madrid?**

Completamente! Pode dizer-se que é o mais importante e a coisa mais correta a fazer do que continuar ligado ao futebol.

**No próximo ano, teremos o Euro 2020. Portugal é campeão da Europa, a França é vice-campeã e campeã do Mundo e estão ambas no mesmo grupo. Como avalia as possibilidades das duas seleções?**

A França é campeã do Mundo, o que a torna uma das favoritas. A França tem uma excelente dinâmica, tem grandes jogadores, tem um ótimo treinador que conheço bem e que é responsável por essa excelente dinâmica. É uma equipa que já está a fazer história

no futebol francês. Portugal tem um grande jogador como Cristiano Ronaldo, que atrai muito a atenção e leva a que não se repare muitas vezes no grande valor da restante equipa. Portugal tem excelentes jogadores e é um dos favoritos.

**E quais são, para si, os favoritos à vitória no Europeu?**

Portugal, França, Itália ou Alemanha.

**O seu filho Marcus tem sido um dos grandes destaques desta temporada na Bundesliga, ao serviço do Borussia Monchengladbach. Espera que o seleccionador francês e seu amigo, Didier Deschamps, o chame numa próxima convocatória?**

Prefiro não responder a essa provocação [gargalhada].

**CV**

**Data de nascimento:** 01/01/1972 (47 anos)

**Nacionalidade:** francesa

**Clubes:** Mónaco, Parma, Juventus e Barcelona

**Principais títulos:** um mundial e um europeu pela seleção francesa, duas Ligas italianas e uma Taça UEFA

